

Turismo transfronteiriço na Euro-região Galiza-Norte de Portugal

VARICO DA COSTA PEREIRA * [varico@gmail.com]

XERARDO PEREIRO ** [xperez@utad.pt]

Resumo | A adesão, em 1986, de Portugal e Espanha à, então, Comunidade Económica Europeia, veio trazer uma nova possibilidade de aproximação económica e social entre os dois estados. O turismo tem servido aos poucos como um instrumento de cooperação transfronteiriça. Neste texto analisou-se o turismo transfronteiriço luso-galego numa perspetiva de análise da cooperação em âmbitos como a promoção, a articulação empresarial e as mobilidades transfronteiriças. Com base numa aproximação metodológica de análise documental e um quadro teórico que entende o turismo transfronteiriço como um instrumento de redefinição das identidades, a atenção foi focada nalguns projetos de cooperação turística euro-regional, tendo-se concluído que esses esforços devem intensificar-se e melhor coordenar-se.

Palavras-chave | Turismo transfronteiriço, Fronteira, Norte de Portugal, Galiza.

Abstract | The accession in 1986, Portugal and Spain to the then European Economic Community, has brought a new opportunity for economic and social rapprochement between the two states. Tourism has gradually served as an instrument for cross-border cooperation. In our text we analyze the tourism in Luso-Galician border with a prospective analysis of cooperation in areas such as promotion, business communication and cross-border mobility. Based on a methodological approach of document analysis and a theoretical framework that considers cross-border tourism as a means of redefining identities, we focused attention on some projects of euro-regional tourism cooperation and conclude how these efforts should be intensified and better co-ordinated.

Keywords | Cross border tourism, Border, Northern Portugal, Galicia.

* **Mestre em Turismo** pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. **Assistente** no Instituto Superior da Maia (CEDTUR), e Investigador Principal na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (CETRAD).

** **Doutor 'europeu' em Antropologia** pela Universidade de Santiago de Compostela, Agregado em Antropologia pelo ISCTE, **Doutor 'internacional' em Turismo** pela Universidade de La Laguna – Tenerife (Espanha). **Professor Auxiliar** com Agregação na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – UTAD – CETRAD – CEDTUR.

1. Introdução

A necessidade emergente de reforçar os laços culturais, sociais e económicos, entre a Galiza e o Norte de Portugal, e a proximidade física e cultural destes dois territórios conduziu à criação da primeira Euro-região ibérica em 2008, baixo a figura jurídica de uma AECT (Agrupamento Europeu de Cooperação Territorial) e com sede em Vigo. Anteriormente, em 1991, tinha sido criada a 'Comunidade de Trabalho Galiza – Norte de Portugal', que representou a primeira geração de cooperação transfronteiriça em democracia.

O turismo não foi, inicialmente, uma linha política estratégica da cooperação transfronteiriça; um exemplo disto é o papel residual (menos de uma página) que o turismo teve no primeiro estudo estratégico do Eixo Atlântico. Mas, com o passar do tempo, o turismo acabou por integrar a agenda política da Euro-região devido, em parte, ao abrir das fronteiras que levou a atividade turística transfronteiriça a desenvolver-se com grande força.

O objetivo deste texto é mostrar como a mobilidade turística transfronteiriça na Euro-região Galiza-Norte de Portugal não é apenas uma mobilidade geográfica, porém uma mobilidade cultural político-identitária. O turismo transfronteiriço euro-regional, enquanto mecanismo de intercâmbio sociocultural, tem contribuído para: (i) a invenção de novas identidades e identificações transnacionais europeias; (ii) a coesão territorial; iii) a transformação dos significados e representações da fronteira luso-galega.

O quadro teórico deste texto é a relação entre a noção de turismo transfronteiriço e a de turismo de fronteira como jogo de espelhos na redefinição das identidades euro-regionais. A metodologia empregue para a produção deste texto, enquadrada na elaboração de uma tese doutoral, foi a análise documental comparativa da oferta turística conjunta euro-regional e também a análise dos projetos de cooperação transfronteiriça com ênfase no turismo como eixo central. As nossas conclusões apontam para uma necessidade de uma intensificação da coo-

peração e articulação transnacional turística entre a Galiza e o Norte de Portugal que possibilitem não apenas aumentar e melhorar os fluxos de turismo transfronteiriço, porém também atrair mercados internacionais para a Euro-região.

2. Do turismo de fronteira ao turismo transfronteiriço

O turismo pode ser pensado como um sistema de relações socioculturais interétnicas (Pereiro, 2009; Pereiro & Pereira, 2010) que tem como base a mobilidade e a experiência de atravessar fronteiras. O turismo é uma cultura de mobilidade, uma espécie de nomadismo controlado numa certa borbulha que questiona os nossos limites e o nosso lugar no mundo. Neste sentido, a relação entre turismo e fronteira pode colocar-se num jogo de espelhos no qual o turismo possibilita reconhecer o outro, ver-nos e comparar-nos com a alteridade. Portanto, o turismo é uma atividade fronteira – liminar – neste sentido, e igualmente transfronteiriça.

No caso ibérico, entre Portugal e Galiza existe um terceiro país, que é a 'raia', 'esculpida' pelo tempo e habitada por humanos que sofreram as guerras entre estados e as mudanças, muitas vezes ameaçantes, de regimes políticos. A raia está-se a converter em património cultural (e natural), e por consequência num produto turístico-cultural. Esse processo é protagonizado por mediadores culturais que contribuem para a criação de narrativas temáticas patrimoniais como as rotas do contrabando, os museus do contrabando e da fronteira, as rotas de turismo cultural, etc.

Num momento em que o Estado e o Mercado querem acabar com as fronteiras, os agentes sociais da fronteira reinventam esta e afirmam a sua identidade diferencial com interesses de reprodução social, económica e identitária. São dignos de realce casos luso-galegos como os da Fraga dos Três Reinos e Moimenta, em Vinhais; Vilardevós, na Galiza;

Vilarelho da Raia e Cambedo, em Chaves; o Ecomuseu do Barroso, Vilar de Perdizes, o Couto Mixto e Tourém, em Montalegre; Castro Laboreiro; ou Vila Nova da Cerveira. Na 'raia seca' com a Galiza os processos de patrimonialização e turistificação estão associados a uma reinvenção das ruralidades em crise. Na 'raia húmida' estes processos de reinvenção da fronteira estão mais associados à reconstrução de pequenas e médias cidades seguindo modelos urbanos nostálgicos, artísticos e ecológicos.

É em relação a esses produtos turísticos que se pode falar de um turismo de fronteira (Campesino Fernández, 2013; Pereiro & Pereira, 2010; Pereiro, 2013; Zimmerman, 2001), associado a um turismo de proximidade transnacional. A procura de um turismo de fronteira busca a mesma fronteira e os seus lados como objeto central da motivação e da experiência turística. Sem deixar de ser um subtipo de turismo transfronteiriço, ele é de menor escala e tamanho que o transfronteiriço, mas não menos importante do ponto de vista da interculturalidade, do etno-desenvolvimento e da cooperação transnacional. Está-se perante práticas de turismo histórico, turismo cultural-natural, turismo de memórias e turismo gastronómico, e turistas que procuram não já o tipismo exótico, porém aprender, do e com o outro, e questionar os estereótipos redutores que deturpam o conhecimento do outro.

E a diferença desse turismo de fronteira associado aos processos de patrimonialização faz com que o turismo transfronteiriço (cf. Wachowiak, 2006) alargue e estique a fronteira até levar o turista mais além da própria fronteira político-administrativa. Ligado às novas acessibilidades e a centros de interesse turístico mais longe da própria fronteira político-administrativa, o turismo transfronteiriço visita Porto, Espinho, Braga, Guimarães, Chaves, Santiago de Compostela, Vigo, Lugo ou Sanxenxo. A fronteira político-administrativa estatal passa a ser assim um lugar de passagem e não um lugar de encontro como no anterior caso. Novas são as fronteiras recriadas nestas experiências turísticas transfronteiriças, são os limites sociais, mentais e simbólicos que os hu-

manos constroem nas relações com os outros. Isto é, apesar da queda da fronteira administrativa, a fronteira, no seu sentido de limite social, simbólico e mental redefine-se através da experiência turística da relação com o outro.

3. Da Gallaecia à Euro-região Galiza-Norte de Portugal

A Galiza e o Norte de Portugal constituem um território que, historicamente, sempre apresentou fortes laços (Pereiro & Silva, 2000). Partilham uma realidade histórica, cultural, geográfica e económica comum. Mas constituem também uma realidade histórica, política e administrativa distinta. Embora situadas em duas realidades político-estatais diferentes *"as comunicações com o sul sempre fôrom fáceis: o vale do Minho nom é uma ruptura senom uma continuidade nas paisagens, na forma de ocupar o território"* (Lois-González, 2002, p. 194). Fernando Pessoa (1990, p. 73) referia-se às relações entre Galiza e Portugal como *"o estado natural galaico-português"*.

Provavelmente, o valor mais importante destas duas regiões é a língua. Oriundo do latim, o galaico-português medieval, o português e o galego, de hoje, são herdeiros de uma história de semelhanças e diferenças, tornando-se a língua portuguesa numa língua oficial da Europa e o galego numa língua cooficial da Galiza.

A Galécia (em latim, *Gallaecia*) foi uma província romana no Noroeste Peninsular que corresponde ao território onde se encontra a cultura castreja na atual Galiza e Norte de Portugal, mais concretamente, com fronteiras a este no rio Sabor e o rio Douro a sul. A cidade mais importante e capital histórica era *Bracara Augusta*, a atual cidade de Braga. É precisamente a cultura castreja que estabelece uma marca cultural comum entre os povos da Euro-região, essencialmente, na organização do espaço na cultura material e na organização social. As invasões roma-

nas modificaram o cenário do Noroeste Peninsular. A romanização veio trazer três elementos fundamentais ao processo civilizador da atual Euro-região: (i) um enquadramento administrativo; (ii) um tecido de rede urbana; (iii) e uma importante rede viária. O Norte de Portugal e a Galiza separaram-se quando Afonso VI (1040-1109) outorgou estes condados aos seus genros: o Condado da Galiza, com corte em Compostela, a Raimundo de Borgonha, em 1090, e em 1096 o Condado de Portugal, com corte em Guimarães, a Henrique de Borgonha. O primeiro tratado que tenta delimitar a raia entre Portugal e Galiza foi assinado em Tui, em 1137, por D. Afonso Henriques e D. Afonso VII. A partir de finais do século XII, a raia ficou definida nos seus grandes traços, tanto na parte húmida¹ como na seca. Esta situação, porém, continuou a ser ignorada, frequentemente, pelos habitantes de ambos os territórios. A Guerra da Restauração de Portugal (1640-1668) voltou a converter a fronteira entre a Galiza e o Norte de Portugal num cenário de combates. Com a guerra civil espanhola (1936-1939) a Galiza, como zona da 'retaguarda fascista', encontrou na luta republicana a forma de guerrilhas organizadas, que levaram a luta até depois dos anos 1940. A resposta através do método das guerrilhas manteve-se na Galiza até 1956 com muita força (Rosas & Louçã, 1998). Os guerrilheiros refugiavam-se, muitas vezes, nas aldeias raianas do lado português, contando com a ajuda das povoações, embora o regime português apadrinhasse o governo franquista.

O contrabando foi uma realidade a partir dos anos 1940, "*Las guerras mundiales, las crisis económicas sufridas por alguno de los dos Estados peninsulares, las diferencias de precios y otros factores estimularon el contrabando en sucesivas épocas*" (Carbajo, 1993, p. 48). Neste mesmo documento o autor estimula a memória dos autores, que se recordam dos 'camiões de bananas e bacalhau' que subiam as ruas da sua aldeia (situada no concelho de Chaves), seguidos pelos jipes da Guarda Fiscal.

A adesão de Portugal e Espanha à Comunidade Económica Europeia (CEE), atual União Europeia

(UE), no ano de 1986, veio trazer uma nova possibilidade de aproximação económica e social entre os dois povos. Mas foi no ano de 1992 que esse anseio se concretizou: o Tratado da UE instituiu uma cidadania europeia, conferindo a todo o cidadão da União um direito fundamental e pessoal de circulação e de residência (União Europeia, 2012), possibilitando a livre deslocação de bens e pessoas entre os dois lados da fronteira. Este acontecimento veio alterar o panorama inter-regional, até então quase que estagnado, criando novas oportunidades de desenvolvimento transfronteiriço, nomeadamente nos aspetos sociais, económicos e culturais.

Assiste-se, então, a um rápido crescimento dos intercâmbios e a um desenvolvimento das estruturas de apoio à cooperação, dando lugar à criação da primeira Euro-região². A Euro-região Galiza-Norte de Portugal (Figura 1), em termos geográficos, tem uma extensão da fronteira de 280 km; com uma população estimada, em 2009, de 6.541.528, dos quais 2.796.089 na Galiza (Instituto Galego de Estatística & Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte de Portugal, 2010) e 3.745.439 no Norte de Portugal (Instituto Nacional de Estatística, 2010), dispersa ao longo de 50.850 km² de território, maioritariamente concentrada nas áreas do litoral.

A nível administrativo, destaca-se um constrangimento, uma vez que o esquema regional, do lado português, ainda não está definido, existindo apenas a Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte (CCDR-N). Pelo contrário, a Galiza é uma Comunidade Autónoma de Espanha com um Parlamento e Governo próprios, sobre a qual opera a Junta da Galiza. É composta pelas províncias de A

¹ A linha de fronteira entre o Norte de Portugal e a Galiza apresenta duas diferenças geográficas importantes, por um lado a 'raia húmida' (ou molhada), a área de fronteira que é delimitada pelo rio Minho, por outro lado a 'raia seca' correspondente à restante linha de fronteira até ao limite de Trás-os-Montes.

² Estruturação política europeia de que se desconhecem ainda as potencialidades. Pode compreender: Euro-regiões transfronteiriças, entre dois ou mais países, e Euro-regiões dentro do próprio país. Fala-se, por exemplo da futura constituição da Euro-região da Grande Lisboa (Wikipédia, 2011).

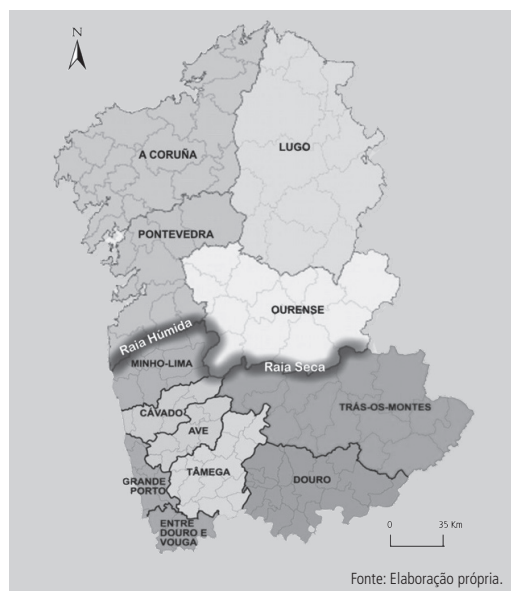


Figura 1 | Mapa da Euro-região Galiza-Norte de Portugal.

Corunha, Lugo, Ourense e Pontevedra. O Norte de Portugal é constituído pelas NUT III (Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos, nível III) do Minho-Lima, Cávado, Ave, Grande Porto, Tâmega e Trás-os-Montes. É gerida, dentro das limitações, pela CCDR-N³ (CCDR-N, 2014).

4. O turismo transfronteiriço na Euro-região Galiza-Norte de Portugal

No ano de 1992 o Tratado da UE instituiu uma cidadania europeia conferindo a todo o cidadão da União um direito fundamental e pessoal de circulação e de residência, possibilitando a deslocação de

bens e pessoas entre os países aderentes. A noção de fronteira passa a ter outro significado. Este acontecimento vem alterar o panorama inter-regional, até então pouco ativo, criando novas oportunidades de desenvolvimento transfronteiriço, e resultando numa cooperação regional transfronteiriça, com a criação de várias alianças supranacionais, em especial em termos comerciais. Muitas destas alianças têm também começado a interagir noutras áreas do bem-estar humano e desenvolvimento económico, incluindo a migração transfronteiriça, a educação, a conservação ambiental e o turismo (Timothy & Teye, 2007).

É neste contexto que o turismo surge como uma oportunidade de desenvolvimento transfronteiriço, numa possibilidade clara de aproximar ainda mais as comunidades luso-galegas. A forma como os espaços de fronteira eram encarados em Portugal como “áreas distantes, pouco acessíveis, isoladas e marginais, rurais, despovoadas, envelhecidas e pobres” (Cavaco, 1995, p. 9), não ajudava nada a tarefa de desenvolvimento turístico transfronteiriço. Mas as fronteiras internacionais e os seus territórios adjacentes há muito que funcionam como atrações turísticas e destinos importantes, controlando, também, os fluxos de turismo, enquanto barreiras físicas e psicológicas (Timothy, 2001). Por isso, o turismo transfronteiriço é uma grande oportunidade para o território da ‘Portugaliza’.

Do ponto de vista dos agentes económicos e sociais, existe uma clara e manifesta vontade de desenvolvimento das estruturas de enquadramento do turismo transfronteiriço, que a cada dia ganha maior importância. Exemplos disso são o desenvolvimento e promoção de projetos comuns, de dinamização turística, públicos e privados. Vejam-se alguns destes exemplos que marcam um novo panorama da oferta turística transfronteiriça.

4.1. Alguns projetos da cooperação turística transfronteiriça

Tendo como base a iniciativa institucional das administrações públicas galegas e portuguesas e

³ A CCDR-N é um serviço desconcentrado da administração central, dotado de autonomia administrativa e financeira, incumbido de executar ao nível da Região do Norte (NUT II) as seguintes políticas: planeamento e desenvolvimento regional; ambiente; ordenamento do território; apoio às autarquias locais e suas associações; conservação da natureza, biodiversidade e utilização sustentável dos recursos naturais; requalificação urbana; gestão das intervenções operacionais regionais e cooperação inter-regional. (Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte - CCDR-N, 2014).

também a iniciativa empresarial e civil ou a articulação das duas, existiram e existem parcerias para a criação de um destino territorial conjunto que se promova internamente em rede e externamente nos mercados internacionais como um destino transnacional bem coordenado à volta de temas e linhas comuns.

Estes projetos são executados, em conjunto, por entidades dos dois lados da fronteira, apoiados por programas como o INTERREG IIIA⁴ de cooperação transfronteiriça, o Programa de Cooperação Transfronteiriça Espanha-Portugal (POCTEP)⁵ e o Programa Espaço Atlântico⁶. A título de exemplo, destacam-se alguns:

- ‘Portugalicia’ (agrupamento de hotéis da Galiza e do Norte de Portugal);
- ‘Vianova’ (revista de lazer e viagens do Eixo Atlântico);
- ‘Castrenor’ (cultura castreja no Noroeste Peninsular);
- Candidatura a património imaterial galego-português promovida pela associação galego-portuguesa ‘Ponte nas Ondas’;
- ‘Natura Minho-Miño’ (valorização dos recursos naturais da bacia hidrográfica do rio Minho);
- Rotas do vinho da Euro-região Galiza-Norte de Portugal;
- ‘Infouniminho’ (Centro de Informação Transfronteiriço);
- Agrupamento Europeu de Cooperação Territorial Galicia-Norte de Portugal (GNP-AECT);
- Os guias turísticos e os projetos estratégicos do turismo promovidos pelo Eixo Atlântico,
- A eurocidade Chaves-Verim;
- A eurocidade Valença do Minho-Tui;
- A rota termal galaico portuguesa; ou
- O *cluster* do termalismo galaico-português.

O Infouniminho é um Centro de Informação Transfronteiriço, que tem como objetivo geral o

aperfeiçoamento dos sistemas de informação sobre o espaço transfronteiriço do Minho, que melhoram

a tomada de decisões, que possibilitam uma gestão integrada de equipamentos locais a nível transfronteiriço e o desenvolvimento sustentável deste espaço territorial [...] também pretende mobilizar e promover a delineação de estratégias, políticas e atuações a nível transfronteiriço que estejam ajustadas às necessidades existentes e que sejam eficientes e sustentáveis ao longo dos anos, bem como facilitar a captação de recursos externos para o desenvolvimento das políticas e projetos para desenvolver (Infouniminho, 2014, s.p.).

O Eixo Atlântico é uma associação transfronteiriça de municípios, que integra 34 cidades do Norte de Portugal e da Galiza e que configuram o liderado do sistema urbano da Euro-região. As finalidades principais do Eixo Atlântico são o desenvolvimento económico, social, cultural, tecnológico e científico das cidades e regiões que o compõem, bem como a promoção da coesão em todos os aspetos socioeconómicos e culturais, mediante a articulação de um território comum (Eixo Atlântico, 2014). Esta entidade contém uma Comissão Delegada de Turismo que, em novembro de 2010, dinamizou, na cidade de Braga, uma reunião para colaborar no desenvolvimento turístico da Euro-região, porque o entendem como um elemento de desenvolvimento estratégico. Existem outras ações concretas: (i) edição dos guias da água do Eixo Atlântico, divididas em três volumes: rios, costa e termalismo; (ii) livro das rotas pelas cidades do Eixo Atlântico; (iii) guia da gastronomia do

⁴ O INTERREG IIIA é uma iniciativa comunitária de cooperação transeuropeia, criada pela UE, com o objetivo de reforçar a coesão económica e social da Comunidade Europeia fomentando a Cooperação Transfronteiriça (CCDR-N, 2014).

⁵ O POCTEP 2007-2013 promove o desenvolvimento das zonas fronteiriças entre Espanha e Portugal, reforçando as relações económicas e as redes de cooperação (POCTEP, 2014).

⁶ O Programa Espaço Atlântico é um Programa de Cooperação Transnacional, instrumento da política de coesão no período de programação 2007-2013, sendo um dos objetivos a ‘Cooperação Territorial Europeia’ (Espaço Atlântico, 2014).

⁷ A Fundação INATEL tem como missão a promoção de melhores condições para a ocupação dos tempos livres e do lazer dos jovens, trabalhadores e seniores, desenvolvendo e valorizando o turismo social, a criação e fruição cultural, a atividade física e desportiva, bem como a inclusão e a solidariedade social (INATEL, 2010).

Eixo-Atlântico; (iv) estudo sobre políticas turísticas das cidades do Eixo Atlântico, entre outros.

Na preparação do ano Santo 2010 a Junta da Galiza, o Eixo Atlântico e o Turismo do Porto e Norte de Portugal uniram-se para promover a Euro-região como destino turístico, naquela que foi a primeira ação conjunta. No âmbito da mesma editaram um guia turístico que estabeleceu uma ponte turística entre o Jacobeu 2010 e a Capital Europeia da Cultura de Guimarães 2012. Mas provavelmente o projeto mais visível e com resultados concretos foi a iniciativa do Turismo do Porto e Norte de Portugal que inaugurou, em Santiago de Compostela, um posto de informação turística. Trata-se de uma iniciativa cujo objetivo é divulgar a oferta turística da região Norte de Portugal, seguindo a estratégia de conquista dos mercados de proximidade e dos mercados internacionais que visitam Santiago de Compostela.

Concretizando mais outros exemplos, destaca-se o trabalho de conceção de produtos turísticos na raia, desenvolvido no passado pelo INATEL⁷ que marca, possivelmente, uma mudança na utilização do património raiano ou da patrimonialização das identidades e da cultura de fronteira. Esta instituição propõe vários produtos, a maioria na raia seca: ‘Nos caminhos do contrabando’ e ‘Máscaras, carroças e correrias’, inseridos num programa designado ‘Por terras de Trás-os-Montes e Galiza: Entrudos sem fronteiras’ (Lopes, 2011), fazendo alusão ao património imaterial que existe dos dois lados da fronteira, dando especial destaque aos concelhos de Montalegre, Chaves, Xinzo de Lima e Verin.

Outro exemplo foi o desafio lançado, em 2008, pela revista Visão fazendo a proposta de ‘8 paraísos na fronteira entre Portugal e Espanha’ (Fonseca, Campos & Fillol, 2008) para aproveitar as férias da Páscoa, referindo produtos como a natureza, o golf, a gastronomia, o património, a saúde e bem-estar e os desportos náuticos. No caso da fronteira entre o Norte de Portugal e a Galiza propunha a visita ao Parque Nacional da Peneda-Gerês e ao Parque Natural do Baixo Limia-Xurês, bem como um programa de

SPA nas Termas de Chaves e um passeio pelo ‘Cañon do rio Sil’ em Ourense.

Estes exemplos permitem destacar três tipologias estruturantes no turismo transfronteiriço da Euro-região: (i) o turismo cultural e religioso; (ii) o turismo de natureza e o (iii) turismo de saúde e bem-estar. Aponta-se esta trilogia, mas não se esgotam aqui as possibilidades de desenvolvimento turístico transfronteiriço, o turismo rural, o turismo histórico-militar, associado aos castelos e fortificações da fronteira (ex. rota dos castelos e fortificações), as rotas gastronómicas (ex. *pulpo* e o bacalhau), o turismo de compras (ex. mercado de Vilanova de Cerveira, de Valença do Minho, os *outlets* de Vila do Conde, Tui ou Allariz, ou as feiras de Chaves e Verin) e o enoturismo (ex. Monterrei e Alvarinho).

4.2. Mobilidades e fluxos transfronteiriços

Importa perguntar, contudo, até que ponto estes projetos atingiram o seu objetivo. Recorde-se que, desde 1992, a circulação de bens e pessoas é livre mas, passados estes 21 anos, e fazendo uma análise e reflexão sobre tudo o que se tem produzido, não

Quadro 1 | Tráfego de automóveis entre as principais fronteiras em 2008.

Posto fronteiriço	Número de veículos diários (média)
Goián – Vila Nova da Cerveira	4.337
Tui – Valença do Minho (ponte nova)	15.475
Tui – Valença do Minho (ponte velha)	4.634
Salvaterra do Miño – Monção	5.163
Arbo – Melgaço	2.224
Verín – Vila Verde da Raia	6.794
San Martín de Pedroso – Quintanilha	1.567
Fuentes de Oñoro – Vilar Formoso	7.303
Valencia de Alcántara – Marvão	2.006
Badajoz – Campo Maior	2.049
Badajoz – Caia	8.105
Ayamonte – Monte Francisco	13.283

Fonte: Adaptado e traduzido de Ministério das Obras Públicas, Transportes e Telecomunicações de Portugal & Ministerio de Fomento de España (2009).

foi encontrado nenhum projeto estruturante, capaz de alterar os modelos de promoção e organização da oferta turística para a Euro-região. Obviamente que a realidade de hoje é diferente, pois o número de pontes aumentou e as barreiras diminuíram. Disso se tem beneficiado um turismo que se pode denominar de fluxos transfronteiriços (Pereiro & Pereira, 2010), que ao mesmo tempo, também, é o resultado desse processo de intercâmbio turístico.

Na Euro-região o turismo transfronteiriço está intimamente ligado a um fenómeno excursionista, que redefine e estica a fronteira (Pereiro & Pereira, 2010), isto é, as viagens transfronteiriças aumentaram a sua distância numa cultura de mobilidades motivadas por interesses culturais (visita às cidades património da humanidade como Santiago de Compostela, Porto ou Guimarães), comerciais (o IKEA em Matosinhos, os comércios de Valença, Vila do Conde e Vila Nova de Cerveira ou o *El Corte Inglés* de Vigo), religiosas (visita a Santiago de Compostela ou à Semana Santa de Braga), de divertimento e lazer (movida noturna de Vigo ou clubes noturnos de Verin), etc.

Além do excursionismo, existe um turismo de fim de semana que ultrapassa as fronteiras para se alojar nas zonas balneares de Espinho, Póvoa de Varzim, do lado português, Sanxenxo ou A Toxa, do lado galego. Uma expressão gráfica desta mobilidade é o quadro que se segue (Quadro 1), e que, de certa forma, confirma o elevado movimento de automóveis na raia galaico-portuguesa, uma das mais movimentadas da fronteira luso-espanhola.

O quadro anterior demonstra que a fronteira luso-galega é a mais atravessada pelo tráfico automóvel de toda a fronteira luso-espanhola, algo que confirmam os dados mais recentes de 2009 (Instituto da Mobilidade e dos Transportes Terrestres, 2009) e que representa uma tendência que se confirma e se consolida. Ainda assim, importa destacar que nem todos estes fluxos podem ser classificados como turísticos ou com motivações turísticas, mas sim uma grande parte.

Recentemente surgiu um fator que pode inibir este turismo transfronteiriço, desde 15 de outubro

de 2010, a inserção de portagens nas SCUTS (sigla de 'Sem Custo para os Utilizadores')⁸ do Norte de Portugal. O presidente da Entidade Regional de Turismo do Porto e Norte de Portugal (ERTPNP), Melchior Moreira, disse que "receia uma retração no mercado de proximidade, nomeadamente na vinda de turistas galegos, lembrando que o Turismo da Galiza é um parceiro estratégico do Turismo do Porto e Norte" (Paulo, 2010). Também os galegos estão contra esta nova taxa e consideram que

Portugal transforma-se num labirinto para os milhares de galegos que se deslocam todos os anos ao aeroporto do Porto (Sá Carneiro) ou a grandes superfícies comerciais como o IKEA [...] escreve o Faro de Vigo [...] Este diário galego salienta que a introdução do 'complexo sistema de teleportagem' nas autoestradas Norte Litoral (A28) e Grande Porto (A41 e A42) obriga a adquirir um dispositivo eletrónico em todos os trajetos diretos ao aeroporto Sá Carneiro e ao IKEA, dois locais muito procurados pelos visitantes da Galiza (Lusa, 2010).

Este constrangimento não afeta diretamente as zonas mais próximas da fronteira, acessíveis sem necessidade de circular nas SCUTS, mas sim indiretamente sobre os imaginários do visitante, gerando uma imagem negativa e limitadora das motivações de deslocação, como acontece no caso de Chaves. António Calheiros (2005, p. 56) destaca que "as regiões transfronteiriças apresentam questões específicas ao nível do desenvolvimento endógeno", alegando que a estratégia de desenvolvimento passa pela promoção e diversificação das atividades, articulando as atividades rurais com a indústria e o turismo.

⁸ Uma SCUT era uma autoestrada em regime de portagens virtuais, cujos custos eram suportados pelo Estado Português. A sigla é uma abreviatura de 'Sem Custo para os Utilizadores', algo que, desde 15 de outubro de 2010, deixou de fazer sentido, pois são autoestradas com portagens pagas. A construção e manutenção são da responsabilidade de uma empresa concessionária (Wikipédia, 2014).

5. Considerações finais

A dimensão e significado do turismo transfronteiriço na Euro-região necessita de uma cooperação político-institucional, empresarial e social mais estreita que intensifique o cruzamento dos fluxos transfronteiriços. O turismo transfronteiriço euro-regional está a criar uma nova cartografia cultural que questiona a fronteira como barreira. Neste sentido as políticas públicas devem ultrapassar as desconfianças e os nacionalismos estadistas para melhor servir a construção de uma nova cidadania europeia transnacional, para a qual o turismo transfronteiriço está chamado. O desenvolvimento turístico da Euro-região, não passa só pela atratividade, há que agregar e envolver os agentes e a população local com vista à definição de estratégias de desenvolvimento de um turismo de fronteira e transfronteiriço que se oriente para os mercados euro-regionais, ibéricos, europeus e mundiais.

Referências bibliográficas

- Calheiros, A. (2005). *Globalização e desenvolvimento local: Que futuro para os territórios desfavorecidos?* Braga: Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Católica Portuguesa.
- Campesino Fernández, A. J. (Ed.) (2013). *Turismo de frontera* (Vol. I). Vigo: RIET-Rede Ibérica de Entidades Transfronteiriças.
- Carbajo, P. (1993). Adeus ao contrabando: Europa pon fin a cinco séculos de raia seca. *Cadernos A Nosa Terra*, 16, 48-51.
- Cavaco, C. (Ed.) (1995). *As regiões de fronteira: Inovação e desenvolvimento na perspetiva do mercado único europeu*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos.
- Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte [CCDR-N] (2014). *Missão e atividades*. Acedido a 25 de outubro de 2010, disponível em <http://www.ccr-n.pt/pt/ccdr-n/missao-e-atividades/>
- Eixo Atlântico (2014). *História*. Acedido a 12 de novembro de 2010, disponível em <http://www.eixoatlantico.com/?q=es/eixoatlantico/historia>
- Espaço Atlântico (2014). *Cooperação territorial europeia*. Disponível em <http://atlanticarea.ccdr-n.pt/apresentacao/enquadramento-1/cooperacao-territorial-europeia>
- Fonseca, R., Campos, M., & Fillol, J. (2008, 13 de março). Viagens Raianas. *Visão*, 784, pp. 98-112.
- INATEL (2010). *Missão, visão e valores*. Acedido a 15 de março de 2011, disponível em <http://www.inatel.pt/content.aspx?menuid=145>
- Infouniminho (2014). *Apresentação: Objetivos*. Acedido a 14 de março de 2011, disponível em <http://www.info.uniminho.eu/?q=pt/node/97>
- Instituto da Mobilidade e dos Transportes Terrestres (2009). *Gráfico: Tráfego médio diário de veículos ligeiros e pesados, em ambos os sentidos, nos principais postos fronteiriços [...] em 2009*. Acedido a 28 de janeiro de 2014, disponível em http://www.imtt.pt/sites/IMTT/Portugues/Observatorio/Estatisticas/OutrasInformacoes/Documents/Trafego_medio_diario_veic_lig_pesados_front_2009.pdf
- Instituto Galego de Estatística & Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte de Portugal (Eds.) (2010). *Anuário estatístico Galicia-Norte de Portugal*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia.
- Instituto Nacional de Estatística (2010). *Censos 2010*. Acedido a 18 de janeiro de 2013, disponível em <http://www.ine.pt>
- Lois-González, R. C. (2002). As relações de Portugal com a Ibéria: Uma olhada desde a Galiza. *Lusotopie*, 2, 193-208.
- Lopes, H. (2011). Por terras de Trás-os-Montes e Galiza: Entrudos sem fronteiras. *Tempo Livre*, 222 (janeiro), 18-22.
- Lusa (2010). *Jornais espanhóis criticam sistema para pagar nas SCUT*. Acedido a 12 de fevereiro de 2011, disponível em http://www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_id=1690674
- Ministério das Obras Públicas, Transportes e Telecomunicações de Portugal & Ministerio de Fomento de España (2009). *Observatorio transfronterizo España-Portugal: 2008*. Acedido a 13 de março de 2011, disponível em http://www.fomento.es/NR/rdonlyres/9B2D7A91-F114-41EF-979F-20B839EF1D2F/70086/triptico_otep_2003_2008.pdf
- Paulo, I. (2010). *SCUT: Melchior Moreira teme efeito das portagens no turismo do Norte*. Expresso (notícia). Acedido a 12 de fevereiro de 2011, disponível em <http://expresso.sapo.pt/scut-melchior-moreira-teme-efeito-das-portagens-no-turismo-do-norte=f603223>
- Pereiro, X. (2009). Imagens e narrativas turísticas do 'outro': Portugal-Galiza. In H. Carou, P. Godinho & X. Pereiro (Eds.), *Portugal e Espanha: Discursos de centro, memórias e práticas de fronteira* (pp. 173-198). Lisboa: Colibri.
- Pereiro, X. (2013). As fronteiras e o turismo. In Casa Mateus (Ed.), *Cadernos Mateus DOC 05: Fronteira*. Vila Real: Instituto Internacional Casa de Mateus.
- Pereiro, X., & Pereira, V. (2010). Turismo nas fronteiras e as fronteiras do turismo. *Arraianos*, VIII, 54-57.
- Pereiro, X., & Silva, P. (2000). A re-elaboração da História como recurso estratégico na construção das identidades: Historiografias e fronteiras. In A. Espina Barrio (Ed.), *Atas do VI Congresso de Antropologia de Iberoamérica* (pp. 85-96). Salamanca: Universidade de Salamanca.
- Pessoa, F. (1990). Da ibéria e do iberismo. In *Obras de Fernando Pessoa: Textos diversos IV, vol. IX (prosa)* (pp. 69-100). Lisboa: Multilar.
- POCTEP (2014). *Contexto & objetivos*. Acedido a 23 de Janeiro de 2014, disponível em http://www.poctep.eu/index.php?modulo=presentacion&id_area=13
- Rosas, F., & Louçã, F. (1998). *Grande história universal* (Vol. XXVII). Alfragide: Ediclube.
- Timothy, D. J. (2001). *Tourism and political boundaries*. London: Routledge.

- Timothy, D. J., & Teye, V. B. (2007). Fronteiras políticas e cooperação regional no turismo. In A. Lew, C. Hall & A. Williams, A. (Eds.), *Compêndio do turismo* (pp. 647-658). Lisboa: Instituto Piaget.
- União Europeia (2012). *Europa: Sínteses da legislação da UE*. Acedido a 07 de março de 2006, disponível em http://europa.eu/legislation_summaries/institutional_affairs/treaties/amsterdam_treaty/a12000_pt.htm
- Wachowiak, H. (Ed.) (2006). *Tourism and borders: Contemporary issues, policies and international research*. Aldershot: Ashgate.
- Wikipédia (2011). *Euro-região*. Acedido a 14 de fevereiro de 2011, disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Euro-regi%C3%A3o>
- Wikipédia (2014). *SCUT*. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/SCUT>
- Zimmerman, F. M. (2001). European Union cross-border cooperation: A new tourism dimension. In V. L. Smith & M. Brent (Eds.), *Hosts and guests revisited: Tourism issues of the 21st century* (pp. 323-330). New York: Cognizant